

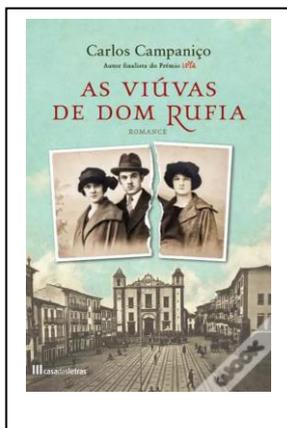
[As viúvas de Dom Rufia] [Carlos Campaniço]



[Carlos Campaniço] Biografia:

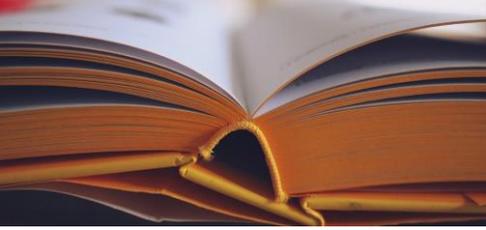
Carlos Campaniço nasceu em Safara, no concelho de Moura. Os seus romances de época têm-se centrado nas comunidades e vivências rurais alentejanas, nas sociedades estratificadas de então e no seu imaginário coletivo. Publicou *Molinos*, 2007 (romance); *Da Serra de Tavira ao Rif Marroquino. Analogias e Mitos*, 2008 (ensaio); *A Ilha das Duas Primaveras*, 2009 (romance); *Os Demónios de Álvaro Cobra*, 2013 (romance, Prémio Nacional Cidade de Almada 2012); *Mal Nascer*, 2014 (romance finalista do Prémio LeYa e Vencedor do Prémio Mais Literatura da revista Mais Alentejo, 2014); *As Viúvas de Dom Rufia*, 2016 (romance).

Sinopse de [As viúvas de Dom Rufia]



Conhecido por Dom Rufia desde moço, Firmino António Pote, criado sem recursos numa vila alentejana, promete a si mesmo tornar-se rico. Negando-se à dureza do trabalho do campo, divide durante anos a sua sobrevivência entre o ócio e alguns negócios frugais. Mas, já nos trinta, munido de assombrosa imaginação, bonito como poucos e gozando de uma enorme capacidade de persuasão, sobretudo entre as mulheres, lobruga várias maneiras de alcançar o seu objectivo, fingindo continuamente ser quem não é. Para isso, porém, é obrigado a viver em vários lugares ao mesmo tempo, dando a Juan de los Fenómenos, um velho chileno em busca de proezas sobre-humanas, a ilusão da ubiquidade.

*Quando o corpo sem vida de Dom Rufia é encontrado no meio do campo, a recém-empossada Guarda Republicana não imagina as surpresas que o funeral reserva. O aparecimento de uma estranha carta assinada pelo tio do morto é só o princípio da desconfiança de que ali há mão criminosa. Depois do muito aplaudido *Mal Nascer*, finalista do Prémio LeYa em 2013, Carlos Campaniço regressa à ficção com um romance irresistível e cheio de humor, cuja acção decorre no início do século XX, num Alentejo onde pululam personagens fascinantes e inesquecíveis.*



Carlos Campaniço: uma geografia alternativa na literatura portuguesa

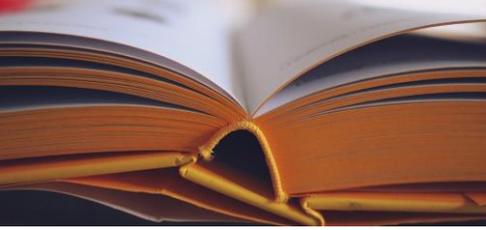
Por

Bruno Filipe Pires BARLAVENTO

-

20 de setembro de 2015

É o escritor alentejano mais algarvio da atualidade, com cinco romances, um ensaio histórico e alguns contos dispersos publicados. O próximo dos quais está prestes a sair, numa coletânea de escritores benfiquistas. Carlos Campaniço, 42 anos, natural de Moura, reside e trabalha no Algarve há cerca de 20 anos. Embora discreto, já tem uma carreira com visibilidade nacional. Na



primeira entrevista que concede ao «barlavento» confia-nos que se pudesse, viveria apenas da, e para a escrita.

barlavento: Sabemos que tem um novo livro no prelo. Pode abrir um pouco o véu?

Carlos Campaniço: Acabei em abril um romance cujo título não posso ainda revelar. Mas posso dizer que é um livro diferente de todos os outros que tenho escrito até agora. Tem uma carga humorística, é muito sarcástico relativamente a uma sociedade de elite de finais do século XIX, na qual bastava alguém apresentar-se com uma farsa, que a mentira pegava. Neste caso é um burlão. Uma personagem que vive numa sociedade muito elitista e muito pouco instruída. Poderá sair no princípio do próximo ano. Se houver muita sorte, talvez no final deste ano.

Uma sociedade elitista e ignorante. É uma metáfora para os dias de hoje?

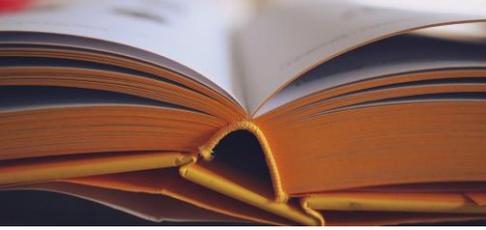
Também. O ser humano não mudou assim tanto. Mudou a nossa indumentária, a tecnologia, mudou a sociedade em alguns dos seus comportamentos. Mas o ser humano, nas suas capacidades, nos seus defeitos, nas suas falências, mantem-se muito parecido ao que sempre foi. Hoje, somos uma sociedade com vícios, que apesar de ter evoluído muito, é uma sociedade injusta e desequilibrada. E isso é fermento para um escritor.

Pensa escrever uma ficção na contemporaneidade?

Certa vez disse que o homem atual não é capaz de feitos tamanhos que me levem a escrever sobre ele. Não escrevo romances históricos. Escrevo romances de época. Penso que os condicionalismos de comunicação, de conforto, o facto de as mulheres não terem os mesmos direitos que os homens, o facto de as crianças sofrerem muitíssimo e começarem a trabalhar desde tenra idade, de ter havido um grassar fome por todo o lado, foi uma infelicidade tremenda. Mas que quanto a mim, dá muita matéria para que o escritor consiga fazer disso tema para a sua literatura. Nos dias de hoje também haveria pois continuam a haver muitos desempregados, gente com fome e imigração forçada. Mas digamos, tenho preferência por um tempo mais remoto. O próximo romance que vou escrever já está a ser pensado. Se for avante esta ideia, será um livro sobre o tempo do PREC.

O que o motiva a escrever?

Uma grande paixão pela literatura. Considero-me ainda eminentemente leitor. Acho que os escritores têm todos um comportamento de mimese. Não quer dizer que copiem o género ou estilo, ou que quer que seja. Mas a ligação com a literatura torna-se tão estreita, que por vezes,



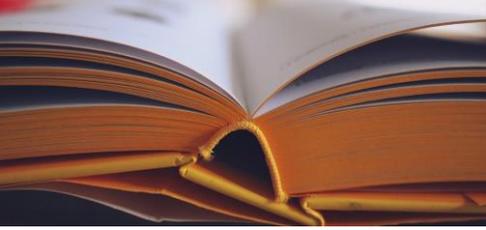
ler só não chega. Conheço gente que era da crítica literária, leitores compulsivos, que se tornaram escritores. Porque a paixão leva a isso. Pessoalmente, para escrever preciso apenas de uma boa ideia. Um escritor tem de ter algumas capacidades diferenciadoras. Uma das quais é a imaginação. Embora se possa basear em factos, tem de ter uma capacidade inventiva acima da média, para conseguir espantar, criar coisas novas com algum valor. A novidade é um trunfo. Aquele escritor que se repete enfada os leitores. É muito difícil hoje em dia inovar nalguma coisa, mas penso que dentro do espaço e do tempo que resta, essa deve ser uma busca permanente. Por outro lado, não escrevo por inspiração. Escrevo por inquietação. A minha escrita também tem muito de denúncia pelo estado do mundo. A desumanização da sociedade, o materialismo, esses são temas que me provocam angústia e se refletem na literatura. Se o mundo fosse perfeito, se calhar disfrutava dele apenas.

Como resumiria a sua obra a alguém que não ainda não leu um livro seu?

No meu primeiro livro tentei explorar algo que estava um pouco esquecido, as comunidades rurais e a sua condição humana. Depois, escrevi um romance que se passa no Mediterrâneo, e que se pode considerar dentro do género do fantástico. Depois, fiz quase uma trilogia onde se vê o Alentejo de finais de século XIX. Não sei se é vaidade, ou originalidade, mas criei algo que não conheço em mais escritor nenhum. Já se conhecia por exemplo, no Gabriel Garcia Marques, o inventar de uma cidade onde se passam várias histórias. O que fiz é uma coisa parecida. Mas inovadora, que é criar uma geografia alternativa. No concelho de Moura, ou no Alentejo existem aldeias fictícias interagem com aldeias reais, entre os diferentes livros. Chamo-lhe uma geografia alternativa. Depois, o que me atrai é a condição humana. Os amores, os desamores, o sofrimento, as alegrias. «Os Demónios de Álvaro Cobra» explora um pouco aquilo que é o imaginário popular. «Mal Nascer» é um livro mais cru. Parte de uma ideia base que em tempos de crise e de fome, as mulheres e crianças são quem mais sofre na comunidade. São os elos mais fracos. Mas nunca há uma dicotomia entre ricos maus e pobres bons. Há é uma visão muito crua da sociedade.

Que balanço faz da sua carreira até aqui?

Há uma parte determinante que começa com «Os Demónios de Álvaro Cobra». Esse livro ganhou o prémio de Literatura Cidade de Almada, um dos mais antigos e estimados do país, em 2012. «Mal Nascer», foi finalista do prémio Leya em 2013, o maior em língua portuguesa do mundo, entre os 492 que participaram. É muito difícil ser autor da Leya, pois há um escrutínio muito, muito grande. Passei de ser um autor regional para ser um autor com alguma dimensão



nacional. Há agora uma fase em que a exigência é muito grande. Mas para já, percebo que ainda não cheguei a sítio nenhum. Apenas a um ponto de partida para um projeto literário sólido e qualitativo.

Ou seja, quer deixar uma obra?

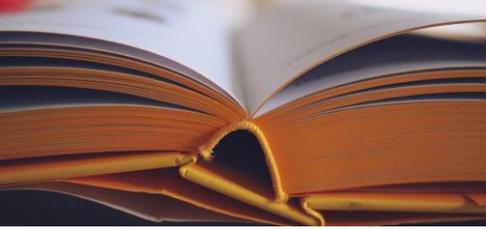
Sim. Quero escrever. Quero ser escritor enquanto tiver capacidade para isso. Capacidade física, mental, emotiva. Se pudesse viveria somente da escrita.

Tem um método de trabalho na criação literária?

Sim. Há vários momentos. Fico um pouco emperrado ao começar um livro, mas depois, ultrapassada esta fase, há um estado quase febril. A história está tão fresca, aquilo que consigo imaginar está tão presente, que é quase preciso escrever tudo de imediato. É muito entusiasmante. Mas tenho um método de escrita. Faço um esqueleto, sei o princípio, o meio e o fim. Crio um protótipo de personagens, descrevo-as fisicamente, a sua profundidade psicológica. Depois falta inventar a massa muscular para criar um corpo. Tenho feito como os agricultores fazem, um ano de produção, um ano de pousio. Agora estou no pousio. Leio, invento, penso, escrevo contos. Antes do próximo Verão, reinício a escrita.

Tirou um mestrado em cultura árabe, islâmica e do Mediterrâneo. Como vê as manifestações antirrefugiados, por exemplo, nas redes sociais?

Penso que cada vez temos menos capacidade reflexiva e de autocrítica. Somos uma massa cinzenta. Bastam duas larachas para que nos convençam disto ou daquilo. A sociedade está feita de uma forma em que a opinião pública, e a opinião publicada, modela muito o pensamento de cada um. Falta-nos pensamento crítico e individual. Percebe-se que o *marketing* político e comercial funciona muito bem. As pessoas são cada vez mais dependentes da informação fácil. Não creio que haja uma antipatia portuguesa por essa causa. Acho que, no âmbito geral, o povo português é solidário. É um povo de emigrantes que historicamente se mesclou com asiáticos, índicos, negros. Aqui no Sul, se recebermos alguns sírios ou outros árabes iremos perceber que culturalmente há uma grande ligação entre eles e nós. Não serão uma ameaça. Em Portugal temos outras ameaças – a extrema-direita, grupos xenófobos, gente de colarinho branco que domina a alta finança e o aparelho de Estado. Não é por sermos maltratados enquanto portugueses que nos vamos tornar mundialmente desumanos. Penso que quem se manifesta contra, é mais por ignorância, que por outro motivo qualquer.



Aquilino Ribeiro e a hegemonia literária de Lisboa

Na opinião de Carlos Campaniço, um livro para ter sucesso precisa de três coisas fundamentais. «É tão fácil que muito poucos o conseguem. Aliás, não sei sequer se já o consegui: uma boa história, saber contá-la e ter uma linguagem apelativa». «Há quem goste da escrita barroca, há quem goste de uma escrita *light*. Os livros são como o vinho. Bons são aqueles que nos sabem bem», considera. Campaniço gosta dos autores neorealistas portugueses, de alguma literatura europeia e sul-americana. O preferido? Aquilino Ribeiro. No Algarve, reconhece que há bons escritores. «A capacidade literária está democratizada. Mas a maioria concentra-se em Lisboa. E acho que não é por acaso. Na província, tendem a ser esquecidos. Repare que os escritores do Algarve que singraram como Ramos Rosa, Lídia Jorge, Nuno Júdice, acabaram todos por» se mudar para a capital. Um exemplo é recente é o escritor Sandro William Junqueira que trocou Portimão por Lisboa. E Campaniço, tenciona mudar-se? «Não. Sou um provinciano», brinca.

'Velhos Lobos' quebra seis anos de "jejum" na vida literária de Carlos Campaniço

O novo livro de Carlos Campaniço está à venda nas livrarias desde o dia 13 de junho

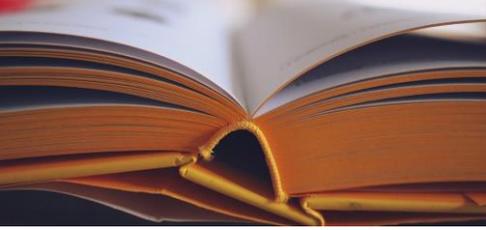
[Joana Pinheiro Rodrigues](#), Junho 18, 2022

Jornal do Algarve



Depois do realismo mágico de *Os Demónios de Álvaro Cobra*, do virtuosismo de *Mal Nascer* e da comédia de enganos que é o romance *As Viúvas de D. Rufia*, Carlos Campaniço regressa à ficção com *Velhos Lobos*, um livro que nos faz refletir sobre a frase "Os extremos tocam-se" (e sobre muitas outras questões existenciais). O JA esteve à conversa com o autor alentejano que se mudou de armas e bagagens para a capital algarvia há quase 27 anos.

"Quando Francisco d'Almeida Lobo decide passar a viver o ano inteiro no Monte do Azinhal para cuidar pessoalmente da propriedade, ignora que a presença da família Velho no Montinho lhe vai criar tensões impossíveis de ultrapassar. Primeiro, porque Jacinto Velho se recusa a dar-lhe uma mão; depois, porque descobre que a mulher dele não é senão Maria Barnabé, com quem teve uma história longe de estar resolvida. Os ânimos, porém, só ficarão ao rubro quando – contra a vontade do pai – o primogénito dos Velho lhe pedir trabalho...", assim se abrem as portas de uma história de "duas [famílias](#) desavindas com um sentimento comum".

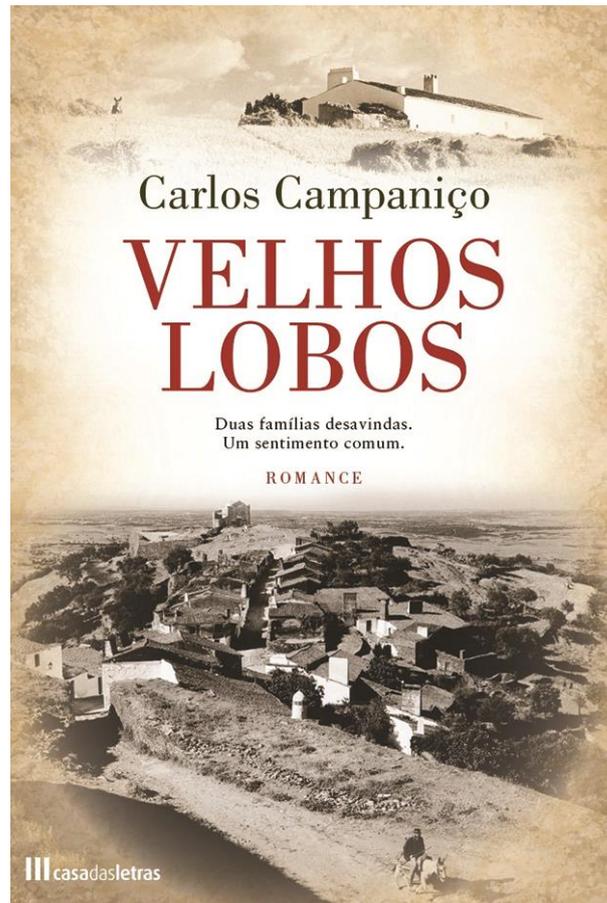


“No mesmo espaço agreste, debaixo do mesmo sol escaldante, duas famílias distintas em tudo vivem um litígio insanável. Em comum, têm apenas o amor e o ódio e uma solidão que parece não ter cura”, escreve Carlos Campaniço, o autor que dá importância à praça e que transforma as aldeias no centro epicentro da ação das suas histórias.

Os seus romances têm-se centrado nas comunidades e vivências rurais alentejanas, nas sociedades estratificadas de então e no seu imaginário coletivo. Do ponto de vista geográfico, todas as histórias se desenrolam “mais ou menos na mesma latitude”, explica o autor. Tirando o ensaio histórico que compôs sobre a Serra de Tavira (que culminou na sua tese de mestrado) e “um livro quase insignificante e um pouco mal escrito”, todos os demais se baseiam nessa mesma identidade. “Os meios rurais são muito ricos”, afirma. A dimensão dos acontecimentos, as hierarquias, as quezílias e a condição humana são “o combustível” para os seus livros.

Velhos Lobos é, contudo, o primeiro livro em que a ação se desenrola fora da aldeia. É a partir das herdades que o autor explora a distância paradigmática de uma família com fracos recursos de uma família abastada que vive perto. O “sentimento comum” de que Carlos Campaniço fala está assente numa ideia: “as fatalidades da vida não escolhem esta coisa da carteira”, ironiza. Esta é a história de duas famílias que definham por falta da vida social e de humanismo.

A Guerra de Espanha ao fundo, os fugitivos de Franco e dos falangistas, o contrabando, o medo das autoridades, a opressão do Estado Novo em Portugal e o privilégio dos abastados marcam um compasso temporal, apesar de esta não ser uma obra com uma cronologia específica, clarifica Carlos Campaniço. Na sua visão, esta é uma “uma literatura de denúncia”, em que, “através da exploração do microcosmos há uma aproximação à dimensão universal do ser humano”, independentemente do local onde vive.



O escritor refere que “não precisamos de contar uma história passada em Nova Iorque para sermos universalistas”. A condição humana dos indivíduos de uma aldeia, no remoto Alentejo, é real. A inquietação daquela micro-sociedade pode ser a escala para aquilo que é o mundo e para aquilo que é o ser humano. Na sua visão, “cingimo-nos a um só meio não é redutor, nem um problema”, isto porque não se trata de idiosincrasias do Alentejo e das suas gentes, mas de temperamentos comuns ao ser humano, que encontra os mesmo desafios, independentemente do sítio em que está (ou para onde quer ir). Daí, defender que os seus livros não são “localistas nem regionalistas”.

Carlos Campaniço nasceu em Safara, no concelho de Moura, em 1973. Publicou o seu primeiro livro em 2007 (*Molinos*). Seguiu-se *Da Serra de Tavira ao Rif Marroquino. Analogias e Mitos*, 2008 (ensaio); *A Ilha das Duas Primaveras*, 2009 (romance); *Os Demónios de Álvaro Cobra*, 2013 (romance, Prémio Nacional Cidade de Almada 2012); *Mal Nascer*, 2014 (romance finalista do [Prémio LeYa](#) e vencedor do Prémio Mais Literatura da revista Mais Alentejo, 2014) e *As Viúvas de Dom Rufia*, 2016 (romance).



MIL FOLHASO

“As Viúvas de Dom Rufia” | Carlos Campaniço

Por [Francisca Moura](#) · Em 21/06/2016

O receituário deste livro dirige-se, sem risco de engano ou má-fé, a males de ânimo, má disposição ou excesso de formalismo. Servindo-nos de “As Viúvas de Dom Rufia” ([Casa das Letras](#), 2016), de Carlos Campaniço, alcançamos sem esforço terapêutica para uma compreensão da cultura, religião e costumes da sociedade alentejana nos primórdios do Séc. XX. Com humor e por intermédio de uma narrativa com identidade, é-nos servido um retrato da época, generoso em elementos figurativos e predicados do pensamento e comportamento de vários grupos sociais.

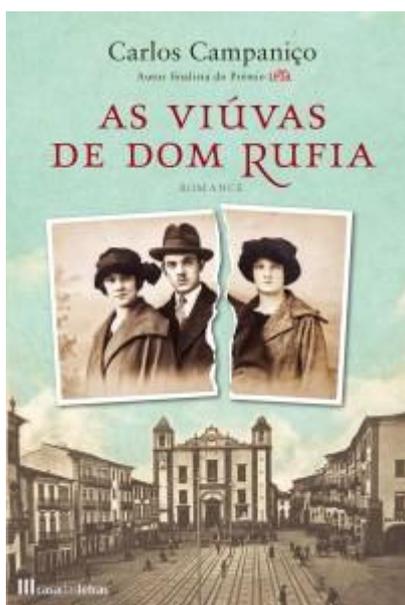
Firmino António Pote – ou, se quisermos, Dom Rufia –, natural da aldeia de Fernão Baixo, terras do Baixo Alentejo, onde não passava de um órfão criado por Maria Teresinha – *“mulher que enchia a boca de frases sem as reter por muito tempo, irrompendo essas como fruto de uma preña”*, *“tia mais mãe”* de Dom Rufia, incapaz de conter o elogio às capacidades imaginativas do sobrinho –, viu-se entre muitos ofícios: homem de negócios em Almodôvar, ourives em Moura, médico em Alvito, advogado em Beja.

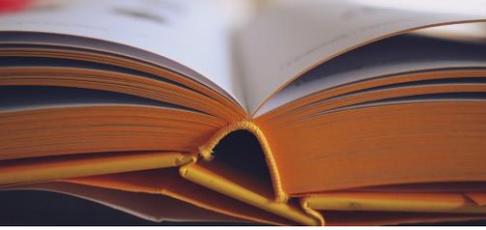
“Analfabeto de palavras escritas, não o era naquelas que dizia, nem no à-vontade com que manobrava os seus argumentos”, assim granjeando amparos na paixão de Joaquinita, na tentação de Acélia e no amparo de Domitília. Isto sem falar de outras chegadas improváveis e de Armindinho Costureirinha que, no velório de Firmino, se perfilou entre família e as autoproclamadas viúvas do falecido.

Com o seu bigode fininho, tez de sírio, olhos verdes e sorriso bonito, Firmino Pote *“jogava como os apostadores mais versados. Tinha fé na probabilidade das apostas múltiplas”. “Contestava, ouvindo. Relativizava, sorrindo”. “Um ser em muitas pessoas”,* multiplicado em muitas vidas, para o qual *“o amor não era um sentimento, mas uma necessidade como a fome ou a sede”*. Teria o dom da ubiquidade?

Representação do Alentejo rural, das suas estruturas sociais e das suas crenças, expondo a estratificação social da época, *“As Viúvas de Dom Rufia”* retrata de forma contundente o estilo de vida de vários grupos sociais e a forma como fortaleciam a sua posição. Um relato crítico sobre o Portugal desse tempo, abordando temas como a distribuição de riqueza e as precárias condições de vida, a lassidão dos mais incautos, uma sociedade que hipervalorizava o estatuto e a aparência de poder. Dom Rufia materializa a fuga à sina dos campos para a qual, desde cedo, Firmino Pote se achou reservado mas não vencido. Nascido numa família humilde, nunca aceitara tal condição, jurando não se deixar escravizar por tal predestinação.

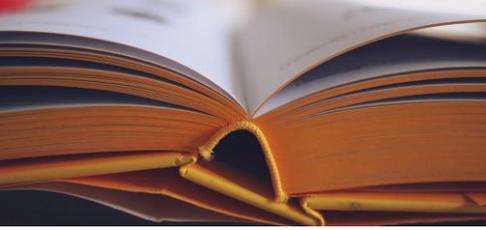
O mote para a reflexão e ponderação de valores é variado. Desde logo, o protagonista, Firmino Pote ou Dom Rufia, pode ser encarado como ganancioso e trapaceiro ou, pelo contrário, *“um homem gentil e importado com as mulheres, num tempo de maridos afirmativos, (...) uma sombra naquele deserto que era a igualdade de géneros, onde nem a palavra nem o conceito haviam sido inventados”*.





Pelo entremeio teremos ainda oportunidade de nos cruzarmos com Juan de los Fenómenos, velho chileno, figura misteriosa ao longo de todo o enredo, que *“havia entrado pela Galiza, lavrando o Norte com o seu caminhar, descido o Centro sem que nada o prendesse, até encontrar uma pátria para as suas buscas – todos os fenómenos em que a Humanidade se excede e nenhum em que Deus se apresente.”* Ou Homero Dente d’Alho, tio de Firmino, *“uma caixa em formato de gente, mais fiel do que a dos confessionários religiosos tão comuns e tão sabedores dos pecados e imperfeições do Homem”*.

Carlos Campaniço nasceu em Safara, no concelho de Moura. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, serve-se do mundo rural, dele extraíndo os temas e contextos das suas obras, centradas nas comunidades e vivências rurais alentejanas, nas sociedades estratificadas de então e no seu imaginário colectivo. O seu livro *“Os Demónios de Álvaro Cobra”* recebeu o Prémio Literário Cidade de Almada 2012 e *“Mal Nascer”* foi finalista do Prémio Leya em 2013 e galardoado com o prémio Mais Literatura da revista Mais Alentejo, em 2014. *“As Viúvas de Dom Rufia”* revela-se uma narrativa com identidade, apetecível e contagiante.



[https://w w](https://www)

[À Volta dos Livros](#)

Nesta edição da rubrica <https://www.rtp.pt/play/p312/e238012/a-volta-dos-livros>

À volta dos livros Ana Daniela Soares conversa com Carlos Campaniço autor do livro As víduas de D. Rufia | 06 Jun. 2016